

ONTOLOGIA DO ESPAÇO, GLOBALIZAÇÃO E TÉCNICA: UM DIÁLOGO ENTRE SLOTERDIJK E A GEOGRAFIA¹

Lucas Pereira Vieira²
Luis Carlos Tosta dos Reis³

RESUMO

O presente trabalho propõe estabelecer um diálogo entre a teoria da geografia, e o pensamento filosófico desenvolvido por Peter Sloterdijk. Para tanto, buscou-se traçar paralelos entre a forma na qual a ciência geográfica lidou com temas relevantes no seu plano interno, privilegiando os debates em torno da ontologia do espaço, da técnica e da globalização. Pretende-se também analisar a maneira na qual esses mesmos fenômenos são tematizados de maneira recorrente, ocupando uma posição fundamental na filosofia de Sloterdijk. As três temáticas que conduzem a presente investigação, não foram selecionadas de forma arbitrária. Além de tratar-se de questões já bem estabelecidas dentro do panorama de pesquisa da ciência geográfica, são noções, como já mencionado, de fundamental importância para o desenvolvimento do pensamento sloterdijkiano. Cabe destacar que, apesar desses e outros diversos temas caros a disciplina geográfica serem frequentemente trabalhados pelo filósofo em questão, sua obra não se tratar de um trabalho que esteja situado no plano interno da teoria da geografia, afinal, Sloterdijk não pretende expressamente desenvolver uma proposta voltada para a ciência geográfica. No entanto, este fato não impede, como pretende-se na presente pesquisa, que a ciência geográfica possa se lançar num projeto de aspirar uma base filosófica para (re)pensar temas estabelecidos na disciplina. Sobretudo quando se identifica a potencialidade que a filosofia sloterdijkiana pode oferecer e o caráter ainda incipiente de sua recepção pela teoria da geografia.

Palavras-chave: Sloterdijk, Ontologia do espaço; Globalização; Técnica.

RESUMEN

El presente trabajo propone establecer un diálogo entre la teoría de la geografía y el pensamiento filosófico desarrollado por Peter Sloterdijk. Para ello, se busca trazar paralelos entre la forma en que la ciencia geográfica abordó temas relevantes en su plano interno, centrándose en los debates en torno a la ontología del espacio, la técnica y la globalización. También se pretende analizar la forma en que estos mismos fenómenos son tematizados recurrentemente, ocupando una posición fundamental en la filosofía de Sloterdijk. Las tres temáticas que guían la presente investigación no fueron seleccionadas de forma arbitraria. Además de ser cuestiones ya bien establecidas dentro del panorama de investigación de la ciencia geográfica, son nociones, como ya se ha dicho, de importancia fundamental para el desarrollo del pensamiento de Sloterdijk. Cabe señalar que, aunque estos y otros temas caros a la disciplina geográfica son frecuentemente trabajados por el filósofo en cuestión, su obra no

¹ Esse trabalho deriva das pesquisas realizadas para a escrita da dissertação e conta com apoio financeiro da CAPES.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em geografia da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, lucas98pereira@hotmail.com;

³ Docente do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo. -UFES, [lctosta.reis@gmail.com](mailto:lcosta.reis@gmail.com).

se situa dentro de la teoría de la geografía; Sin embargo, este hecho no impide, como se pretende en la presente investigación, que la ciencia geográfica pueda embarcarse en un proyecto de aspiración a una base filosófica para (re)pensar temas establecidos en la disciplina. Especialmente cuando se identifica el potencial que puede ofrecer la filosofía de Sloterdijk y el carácter aún incipiente de su recepción por la teoría de la geografía.

Palabras clave: Sloterdijk, Ontología del espacio; Globalización; Técnica.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva prestar uma contribuição sobre as temáticas da ontologia do espaço, da globalização e da técnica através um diálogo entre a forma como tais temas foram tratados na teoria da Geografia, e a maneiras como essas categorias estão presentes no pensamento desenvolvido por Peter Sloterdijk, cuja sua filosofia, desenvolvida através da noção de Esferas, se apresenta como fecunda para ampliação do escopo da pesquisa sobre os temas supra indicados na Geografia.

A interlocução da teoria da geografia realizada com a filosofia, se dá, via de regra, através da intercessão entre os diferentes horizontes que compõe a ciência geográfica e suas matrizes filosóficas correlatas. Como o horizonte da crítica-radical, que tem em Marx (GOMES, 1996, p. 280) sua matriz filosófica proeminente, assim como Wittgenstein e Russell (GOMES, 1996, p. 250) se destacam enquanto matrizes filosóficas orientadoras do horizonte lógico-formal, e o humanista, horizonte que apesar de se apresentar enquanto eclético (GOMES, 1996, p. 304) em relação as matrizes filosóficas, não se priva do diálogo com essas. Apesar do pensamento sloterdijkiano ainda não ter sido expressamente apropriado por nenhum horizonte interno da geografia, o presente trabalho procura mostrar como esse pode ser fecundo para essa disciplina. Os precursores trabalhos dos geógrafos britânicos Stuart Elden (2011) e Nigel Thrift (2011) apontam para esse caráter fértil da obra sloterdijkiana, uma vez despertado o interesse em amearhar a relação entre sua filosofia e a teoria da geografia.

Apesar do estágio ainda inicial da assimilação da obra de Sloterdijk nas ciências humanas em geral, sobretudo na geografia e no Brasil, o presente trabalho objetiva realizar uma aproximação entre esses dois pólos através de paralelos entre a maneira na qual a ciência geográfica lidou com as temáticas da globalização, da ontologia do espaço e da técnica, que ocupam uma incontestável relevância em seu plano interno, e o modo que essas mesmas noções são articuladas de maneira recorrente, ocupando um lugar privilegiado na filosofia de Sloterdijk.

Em função da natureza teórica do presente trabalho, a metodologia que conduz sua execução se efetiva, fundamentalmente, como procedimento operacional básico, a revisão e

análise da bibliografia que envolve a problemática enunciada. A estratégia de efetuar um diálogo com o filósofo de Karlsruhe a partir da seleção de temáticas pontuais, diz respeito, em parte, a amplidão da produção bibliográfica do autor, como afirma o geógrafo britânico Nigel Thrift (2011, p.136, tradução nossa) “Peter Sloterdijk escreve muito sobre muitas coisas”. A vastidão de suas é relativo não somente ao volume de obras produzido por Sloterdijk, como também pela profusão de temas nos quais o filósofo se propõe a tratar. O também geógrafo anglófono Stuart Elden (2011, p.16, tradução nossa), entende que “sua incansável energia intelectual e amplitude de compromissos” deve nos servir de inspiração.

Em vista desse dado, as três questões centrais que conduzem a presente investigação, a saber, ontologia do espaço, globalização e técnica, não foram selecionadas de forma arbitrária. Além de tratar-se de questões já bem estabelecidas dentro do panorama de pesquisa da ciência geográfica, são noções de fundamental importância para o entendimento do pensamento sloterdijkiano, o que aponta para uma possível convergência entre esses dois pólos.

ONTOLOGIA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO E ESFEROLOGIA

No que diz respeito a pesquisa da ontologia do espaço geográfico, cabe dizer que nesta disciplina, a mesma corresponde aos esforços de problematização acerca do ser do ente precipuamente geográfico, o quê, na codificação da linguagem teórica corrente da disciplina, usualmente se efetiva no bojo dos debates sobre a “natureza” do objeto da Geografia. Enquanto temática expressamente formulada nesta disciplina a ontologia do espaço possui, portanto, uma larga proveniência, tendo, entretanto, assumido um impulso saliente a partir da década de 1970.

Além disso, em função do estágio ainda muito prematuro da assimilação do pensamento de Sloterdijk na Geografia, não é possível sugerir que a problematização que conduz o projeto propõe efetivar-se precipitando em uma aceção de método próprio à ontologia “esferológica” do espaço de Sloterdijk – ou seja, como equivalente aos “métodos” já estabelecidos na Geografia para tratar o assunto, como no caso de uma ontologia *marxista* do espaço (filiada ao método do materialismo histórico e dialético), uma ontologia de corte fenomenológico (filiada à fenomenologia), ou uma ontologia “geossistêmica” do espaço (debitária da filosofia analítica-neopositivista), etc. Por extensão, não é possível conduzir a pesquisa através da formulação de uma hipótese debitária de um método “esferológico-sloterdijkiano” sobre a ontologia do espaço, na medida em que no estágio inicial que se encontra a assimilação do pensamento deste filósofo na Geografia impõe,

previamente, um esforço restrito à assimilação do tratamento que Sloterdijk dispensa à ontologia do espaço (assim como à técnica e à globalização).

Podemos destacar que o horizonte da crítica-radical gerou notáveis contribuições acerca da ontologia do espaço, mas também é notável que a mesma já foi trabalhada por geógrafos a partir de referenciais filosóficos pouco usuais para a geografia crítica. Referenciais esses, que estão presente com alguma regularidade na geografia humanista, sobretudo ancorados na figura de Heidegger, como atestam os trabalhos de Elden (2001) e Reis (2009; 2012). Importante salientar o papel do referido filósofo, uma vez que o mesmo trata-se não só de uma figura presente nos debates em torno da ontologia do espaço na ciência geográfica, como também ocupa um papel absolutamente central para a ontologia sloterdijkiana, a ponto de muitos, projetarem o rótulo de seu pensamento enquanto pós-heideggeriano. Pode-se entender que a ideia de “pós” denota mais um sentido de releitura/reinterpretação da obra heideggeriana do que uma reprodução “catequética/catedrática” da mesma. É nesse sentido que Pessanha (2017, p.85) afirma que o pensamento esferológico trata-se da melhor continuação de Heidegger contra Heidegger, sendo o projeto *esferas* uma tentativa de escrever o livro ainda não escrito no ocidente, algo que segundo Sloterdijk já estava subtematicamente implícito na obra precoce de Heidegger: o livro “Ser e Espaço”.

De fato, Heidegger é referido não somente como uma influência “geral” sobre Sloterdijk, mas é sobretudo saliente a centralidade que lhe é conferida no que diz respeito especificamente à problematização sobre a ontologia do espaço desenvolvida na trilogia *Esferas* - como ratifica de modo especialmente sintético o artigo “*Do problema da espacialidade em Heidegger à Esferologia de Sloterdijk*” (Pitta, 2017). A influência de Heidegger sobre a ontologia do espaço de Sloterdijk também pode ser destacada como elemento de convergência com a Geografia, na medida em que uma gama significativa de trabalhos que se dedicaram à ontologia do espaço geográfico nesta ciência foram impulsionados diretamente pelo pensamento heideggeriano. Nesse sentido, é possível verificar trabalhos que destacam a importante contribuição que a fenomenologia-hermenêutica possibilitaria para a reabilitação da investigação acerca da fundamentação ontológica da ciência geográfica. (Pickles, 1985; Elden, 2005; Joronen, 2010; Reis; Santos; 2017; Santos; 2017; Zadorosny, 2018). Esse tipo de conexão entre bibliografias e filósofos é outro elemento que reforça a aproximação incitada aqui, de que a ciência geográfica pode se beneficiar/suscitar junto ao pensamento de Sloterdijk.

Se, por um lado, é evidente que a ontologia do espaço desenvolvida por Peter Sloterdijk não se constitui, estrito senso, uma ontologia do espaço geográfico, por outro lado é também

anúncio que seu pensamento é dotado de uma carga de elementos que, de modo inequívoco, têm integrado de maneira constitutiva o temário da pesquisa em geografia. É nesse sentido que se pretende efetivar uma aproximação entre o pensamento filosófico de Sloterdijk e a ciência geográfica. A “massa crítica” produzida sobre a temática da ontologia do espaço entre os geógrafos já estabeleceu, por sua vez, uma trajetória significativamente extensa, e consistente o suficiente para sublinhar os riscos que o diálogo com a obra de um filósofo pode incorrer, quando – por exemplo - se permite trivializar através de analogias formais, isto é, através da mera “reprodução” da conceptualidade de uma obra filosófica no debate teórico da disciplina, transfigurando o significado originário que foram formuladas e, assim, comprometendo sua assimilação consistente num âmbito de problematização intrínseco à ciência geográfica (SANTOS, 1985).

A execução da depuração analítica dos conceitos filosóficos tratados por Sloterdijk, é feita justamente a fim de não transfigurar seu significado originário. A presença de temas convergentes entre o temário corrente na ciência geográfica e as obras de Sloterdijk é algo marcante e característico em diversos textos do autor, como já mencionado, no caso do tema da ontologia do espaço, onde a mesma trata-se de uma preocupação central do projeto Esferas como todo. Há também duas questões marcantes que perpassam o pensamento sloterdijkiano e que estão no bojo do debate geográfico, o fenômeno da globalização e da técnica. Nesse sentido, opera-se uma análise sobre esses últimos a luz da esferologia, de modo que, devidamente explicitados não comprometam sua assimilação consistente no plano interno da ciência geográfica.

Assim como mencionado, a ontologia do espaço constitui um elemento de convergência não só entre a esferologia e a teoria da geografia, como também em relação à filosofia heideggeriana, o mesmo pode-se afirmar da temática da técnica, uma vez que esses três pólos dispõe-se, cada um com suas particularidades, conferir centralidade ao fenômeno da técnica em suas obras ao articulá-la com a temática da ontologia. Podemos afirmar que esses três blocos concebem a técnica sob uma perspectiva ontológica. Com Heidegger a questão da técnica aponta uma alternativa de elaboração não-metafísica de pensar (REIS, 2012). Em Sloterdijk há uma substituição da “análise ontológica do mago de Meßkirch por uma ontoantropologia” (PESSANHA, 2017, p.89), que fornece um diagnóstico do nosso lugar atual, afinal segundo Sloterdijk, somos onde estamos. Essa ontologia de nós mesmos permite-nos pensar a nossa instalação no mundo, dada através de imunidades técnicas (PESSANHA, 2017, p.6). A técnica com Milton Santos é tida como elemento fundamental para a formulação de uma ontologia do espaço sob a expectativa de fornecer uma orientação

teórico-metodológica à geografia (REIS, 2012). A perspectiva Miltoniana, assim como outros geógrafos que se dedicaram à questão da técnica ao longo da história dessa disciplina será justamente o assunto do bloco subsequente.

TÉCNICA E ANTROPOTÉCNICA

A noção de técnica, está presente no vocabulário e é tematizada de maneira significativa em diversos autores que ocupam o rol dos clássicos da geografia. Nesse sentido, podemos destacar a singularidade dessa temática em relação às outras duas que o trabalho propõe tratar, a saber, globalização e ontologia do espaço. Tendo em vista que essas duas categorias são questões que começaram a receber uma considerável atenção dos geógrafos sobretudo a partir das últimas décadas do século precedente. Essa relativa “recente” problematização no plano interno da disciplina, não se aplica à noção técnica. Sua particularidade em relação às temáticas da globalização e da ontologia do espaço reside justamente no fato desta ser dotada de uma proveniência mais larga na história do pensamento geográfico.

Atentando ao período tradicional da Geografia, podemos identificar já nos estudos de Élisée Reclus, a noção de técnica pensada na forma de técnica-mediação (MOREIRA, 2019, p.188). No entanto, a importância conferida a técnica pode ser destacada sobretudo em Vidal de La Blache e sua noção de gênero de vida. O lugar privilegiado ocupado pela técnica no conceito vidalino de gênero de vida (MOREIRA, 2019, p.36) pode ser evidenciado, uma vez explicitado que o geógrafo em questão concebia

o homem como hóspede antigo de vários pontos da superfície terrestre, que em cada lugar se adaptou ao meio que o envolvia, criando, no relacionamento constante e cumulativo com a natureza, um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes, que lhe permitiram utilizar os recursos naturais disponíveis. A este conjunto de técnicas e costumes, construído e passado socialmente, Vidal denominou ‘gênero de vida’, o qual exprimia uma relação entre a população e os recursos, uma situação de equilíbrio, construída historicamente pelas sociedades (MORAES, 1986, p.68-69, apud Santos, 2014, P.69).

Destaca-se na passagem precedente que, a noção de gênero de vida vidalino é, de certa forma, dependente da técnica, já que por intermédio desta que os grupos humanos intervêm em seus meios geográficos diversos e formam um “novo princípio de diferenciação” (MOREIRA, 2019, p.153). A relação entre gênero de vida e técnica é patente, sendo possível afirmar que o conceito vidalino tratar-se-ia de um conjunto de técnicas (SILVEIRA, 2010, p.126), reforçando, portanto, a centralidade que o elemento técnico assume na teoria da geografia a partir dos trabalhos de Vidal de La Blache.

Seguindo no âmbito da “escola francesa”, podemos afirmar que Jean Brunhes, assim como Vidal de La Blache, também confere à técnica um papel espacial. O discípulo de Vidal a concebe teoricamente enquanto agenciadora da construção dos espaços, reforçando a ideia de que em Brunhes há uma relação seminal entre técnica e espaço (MOREIRA, 2019, p.153). Esse dado aponta para a importância cedida ao elemento técnico nos trabalhos elaborados por Brunhes, sendo possível “considerar-se que toda sua reflexão centra-se na dialética da ordem-desordem do espaço, a técnica potencializando o trabalho e fazendo dele a força da ação construtivo-destrutiva do homem” (MOREIRA, 2019, p.30). É nesse sentido que Sorre entende que “A formação do ecúmeno, com seus contrastes, a constituição de núcleos de densidade em circunstâncias físicas extremamente variáveis, apoia-se no domínio do mundo vivo e na ordenação do universo material graças ao progresso das técnicas” (SORRE, 1967, p.52, apud Moreira, 2009, p.30)

Tido como um marco da passagem das estruturas de pensamento entre os dois geógrafos mencionados anteriormente e o bloco subsequente de Geoge e Tricart, Max Sorre atribui a técnica uma importância fundamental na interpretação das paisagens e dos espaços, sendo essa reconhecida a partir do papel de construtor geográfico (MOREIRA, 2019, p.31). Seguindo a tradição de Brunhes no que tange a relação entre técnica e espaço, Pierre George orienta sua visão efetuando uma combinação teórica dessas duas categorias (MOREIRA, 2019, p.33). Entendendo a técnica enquanto uma mediação da relação do homem com o meio, George diverge de Vidal de La Blache, que concebia a técnica como elo orgânico da forma de organização societária presente. Nesse sentido, há em George uma ruptura radical com a noção de gênero de vida justamente pela forma heterogênea em que esse pensa a técnica. George é tido como responsável por introduzir na teoria da Geografia o conceito de espaço como produto da história, sendo que esse fato se dá de acordo com cada era técnica (MOREIRA, 2019, p.153).

Assim como George, Jean Tricart, que também vive um período de “esgotamento” da Geografia clássica, segue a tradição sorreana, concebendo a técnica como vetor transformador do meio e das paisagens. Tricart busca combinar as categorias técnica, meio ambiente e espaço, segundo essa concepção “não há, pois, como dispensar o conhecimento da relação da técnica através de sua relação com o espaço das considerações do meio ambiente” (MOREIRA, 2019, p.154). Esse movimento procura atentar para os efeitos que a técnica exerce sobre o meio nos diferentes pontos do planeta. (MOREIRA, 2019, p.35)

A técnica é também um elemento fundamental na construção do pensamento miltoniano, sendo que para este a mesma não é tratada como um mero dado, mas ganha uma posição

central na formulação de uma teoria do espaço geográfico (SANTOS, 2017). Noções centrais para Santos, como a de meio técnico-científico-informacional e de construção técnica do espaço estão em certa medida influenciadas nas concepções anteriormente abordada que geógrafos clássicos imputaram a técnica e sua relação com o espaço, bem como as obras de George e Vidal (MOREIRA, 2019, p.10).

Com Milton Santos, entendemos que há umnexo entre técnica, espaço geográfico e tempo, onde a primeira tratar-se-ia da empiricização da última. Partindo de uma sistematização das técnicas como qualificação de cada época, Santos considera que ao longo da história, as técnicas se dão como sistemas, caracterizados diversamente ao longo do tempo (SANTOS, 2008, p.39). Dessa forma, os seguidos períodos históricos são caracterizados por novas gerações técnicas que os mesmos veem nascer (SANTOS, 2017, p.192), nesse sentido que Santos argumenta que

As características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas. Desse modo, o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albores da história até a época atual (SANTOS, 2017, p.171).

Os albores da história mencionada na passagem precedente, diz respeito a um período histórico em que havia tantos sistemas técnicos quanto lugares e grupos humanos, isso se dá, pois no chamado começo da história social do planeta, os sistemas técnicos eram locais. Situação bastante heterogênea em relação ao período atual, onde emerge uma unicidade técnica (SANTOS, 2017, p.189). Esse movimento se efetiva devido aos sistemas técnicos criados recentemente se tornarem mundiais, fato nunca antes ocorrido na história humana (SANTOS, 2008, p.19).

A caracterização do atual tempo histórico enquanto meio técnico-científico-informacional, e a categoria de tecnosfera que compõe essa caracterização, apontam para a importância que carrega o elemento técnico para entendimento do mundo contemporâneo, podendo-se aferir que “Hoje, mais do que nunca, a técnica pode ser vista como um elemento constitutivo do espaço geográfico e, por conseguinte, com uma categoria basilar na sua interpretação” (SILVEIRA, 2010, p.123). Tendo em vista que “o meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização” (SANTOS, 2017, p.239), o capítulo subsequente procura realizar uma análise mais detida ao entendimento desta última sem deixar de considerar a relevância cedida ao fenômeno da técnica para compreensão desse processo. Afinal, “o entendimento da arquitetura e funcionamento do mundo passa pela compreensão do papel do fenômeno técnico” (SANTOS, 2017, p.189).

A partir dessa breve exposição a respeito da tematização da técnica no plano interno da ciência geográfica, nota-se a articulação operada pelos autores entre esta e a sua relação com o espaço. Em Sloterdijk a técnica repensada a partir da perspectiva antropotécnica também oferece uma articulação entre esse conceito e suas implicações espaciais. Ao tematizar a antropotécnica como gesto hominizador e produtor de distância, Sloterdijk explicita a criação tecnógena do espaço:

Esta tese pode ser descrita como uma forma liminar de teoria, mas sobretudo a primeira produção com um escopo ontológico no sentido da produção de um efeito no espaço aberto. Abertura, sobretudo, à consciência de possibilidade de uma mudança, uma transformação do ambiente. Uma vez que a pedra foi lançada com uma intenção, uma vez que a pedra foi talhada com vistas a uma tarefa, o mundo não é mais o mesmo (FERREIRA, 2019, P.18).

Essa mutação mundana provocada pela emergência antrópica da técnica, anima o espaço e o dota de sentido. Tal gesto vai se desenvolvendo ao ponto que as hordas que compõe a era axial podem ser tidos como ilhas, ou esferas, que derivam sobre a velha natureza, “separadas do ambiente externo através da revolucionária evolução de técnicas de distância” (SLOTERDIJK, 1999, p.20). É sempre importante reforçar que a questão da distância, assim como da espacialidade, não é tratada seguindo a teoria fiscalista do espaço. Uma vez que Sloterdijk considera que os físicos modernos partem de uma concepção trivial do espaço, a esferologia busca repensar a espacialidade de modo antropotécnico:

A diferença específica entre a teoria filosófica do espaço antropotécnico e a teoria fiscalista do espaço arranca no ponto que eu defino como o contentor autógeno, ou seja, a forma espacial surreal em que «si-mesmos» plurais criam algo na sua relação recíproca, que eu chamo de esfera, precisamente um espaço psíquico de ressonância que é simultaneamente o microclima dos seus habitantes e o seu invernadouro. A minha tese delinea-se portanto de forma mais antropológico-técnica do que fiscalista (SLOTERDIJK, 2007, p.180).

É evidente que esses grupos de humanos criaram maneiras distintas de se sobrepor a velha natureza, a essa heterogeneidade de técnicas de distância que são particulares em cada esfera, são chamadas de etnotécnicas. Essa última se dá através das antropotécnicas, que mantêm O *continuum* de cada esferas. Pessanha (2017, p.55) oferece uma excelente síntese da relação entre etnotécnicas e a manutenção da continuidade das esferas:

Não são apenas os pequenos mundos que dependem da continuidade dos climas e das atmosferas etno-esféricas. Também os povos e os impérios dependem da manutenção de processos de autoinspiração. Se a autoinspiração esfria, um povo pode desaparecer em pouco tempo ou ser dominado pelo inimigo. A autoinspiração ou inspiração autogerada são as etnotécnicas e é através delas que “gerações se colocam de acordo unanimemente a dez mil, cem mil, às vezes milhões de indivíduos com respeito a espíritos superiores comuns e a ritmos, melodias, projetos, rituais e cheiros próprios” (SLOTERDIJK, 2003, p. 62). Desde a culinária até o que fazer com um cadáver, são suposições comuns e gestos partilhados pelo



grande número dos reunidos e cocalibrados na mesma etno-esfera. Sem essas comunhões hermenêuticas de mundanidade, para usar termos heideggerianos, não se constituiria a cápsula cultural que é lócus e ilha de existência de um povo.

Entendendo as etnotécnicas como essas comunhões hermenêuticas sustentam o *continuum* de cada esfera. Podemos avançar para a tematização da relação dessa última com o desenvolvimento das antropotécnicas. Tendo em vista que as etnotécnicas são esse conjunto *comunitário* de autoinspiração, podemos afirmar que a forma na qual essas etnotécnicas ocorrem se dá a partir de exercícios físicos e mentais que os indivíduos praticam a fim de aprimorar seus estados imunológicos, a esses procedimentos chamamos antropotécnica (SLOTERDIJK, 2013, p.24). É nesse sentido, que Sylla (2021, p.150) mostra que além da “distinção entre esferas diferentes, as assim chamadas “antropotécnicas”, que podem ser interpretadas como programas de “treino” (físico, psíquico e social) para o aperfeiçoamento da nossa imunidade em determinadas esferas particulares.”

Nesse sentido, a técnica não é mais pensada de maneira instrumental, feito objetos que estão disponíveis para manipularmos. A antropotécnica se aproxima mais a algo que constitui a nós-mesmos e nos situa no mundo. Desta forma, Sloterdijk entende que antes de qualquer linguagem ou palavra articulada, é a técnica que revela desde o princípio, o homem enquanto homem. Daí a proposta sloterdijkiana que o primeiro lançar de pedra foi o responsável pela criação da clareira do ser heideggeriana. Segundo o filósofo de Karlsruhe, esse lançar de pedra se trata de um gesto fundador, produtor da distância e da clareira. Trata-se da origem da aventura humana que a partir de então se confunde com a aventura técnica (FERREIRA, 2019, p.19). Em “*La domestication de l’Être*” Sloterdijk ao explicitar o papel do lançar da pedra enquanto esse princípio técnico hominizador, reforça a centralidade e originalidade na qual repensa a questão da técnica relacionando-a com o humano o espaço:

O homem não descende então nem do macaco, como acreditavam os darwinistas, nem do signo como dissemos em jogos de linguagem dos surrealistas: ele descende da pedra, na medida em que consideramos que é o uso da pedra que inaugurou a protécnica humana. [...] Aqui se exprime pela primeira vez o princípio da técnica: o fato de emancipar o ser vivente de contato corporal com as presenças físicas do ambiente. Ela permite ao homem em formação trocar o contato físico direto pelo contato com a pedra. [...] a técnica da pedra provoca uma evitação positiva, que se transforma em saber-fazer (SLOTERDIJK, 2000, p.50, apud FERREIRA, 2019, p.18).

GLOBALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E GLOBALIZAÇÃO SLOTERDIJKIANA

Apesar de sua origem remontar ao século XVI, o processo de globalização atingiu seu ápice somente depois da metade do século passado. É a partir desse período que a noção de

ecumeno perde sua antiga definição, já que agora todo o globo tornou-se ecúmeno, afinal, todo e qualquer pedaço da superfície terrestre (mesmo aqueles não efetivamente habitados) torna-se funcional.

A partir dessas mudanças ocorridas no século XX, surgem novas condições tanto no plano empírico, quanto no plano teórico (SANTOS, 2011, p.13). O plano teórico-geográfico diz respeito justamente a essa nova condição gerada a partir da mundialização do espaço: a possibilidade de estabelecimento de um corpo conceitual, um sistema de referência e uma epistemologia para geografia. Esses atributos sempre foram deficitários nessa ciência, sendo os mesmos inconcebíveis antes do planeta tornar-se realmente mundializado. Isso explica o motivo da tematização da globalização se dá efetivamente a partir de meados do século passado, já que, antes desse período não havia o “trunfo” desse processo que consiste na garantia de uma universalidade (SANTOS, 2014, p.40). Em uma sintetização da história social, Santos mostra como gradativamente a disciplina foi Tateando uma certa universalidade, mas que esse “trunfo” só foi assegurado a partir da cognoscibilidade do planeta fruto da emergência da globalização:

Oscilando entre a descrição e a generalização, desde a Antiguidade até o século XIX, a geografia nunca pôde descrever tudo nem fugir a generalizações frequentemente inconsistentes. No fim do século XIX e no início do século XX, ela assume uma vontade de teorização - ou pelo menos de independência científica - com a postulação de princípios. No entanto, o planeta ainda é mal conhecido e um grande número de outros ramos do conhecimento apenas despontam. Contudo, é ao preço de um grande esforço que a geografia procura estabelecer-se como ciência, mas sem consegui-lo inteiramente. Parece-nos que a razão desses fracassos não se deve ao talento dos geógrafos, mas ao fato de as condições históricas concretas não terem sido reunidas, donde as dificuldades para a elaboração de uma teoria geográfica. No decorrer do século XX, enquanto o debate sobre a verdadeira natureza da geografia se confunde com o de suas pretensões científicas, ambos deixam na sombra preocupações epistemológicas mais sólidas. Mesmo os esforços empreendidos após a Segunda Guerra Mundial não trouxeram senão uma parte limitada dos frutos visados. Acreditamos, porém, que é justamente agora que se reuniram as condições históricas para construir essa geografia global e também teórica, tão procurada de um século a esta parte (SANTOS, 2014, p.31).

Seguindo essas indicações, é identificável que a técnica é marcante no processo de globalização não só a ponto de adjetivar essa época (meio-técnico-científico-informacional), como também é a condição de realização da mesma, tendo em vista a importância que teve o progresso técnico para efetivação da globalização e consolidação da mesma enquanto esse “trunfo” já explicitado. É nesse sentido que Santos (2011, p.18) argumenta que “Há uma relação de causa e efeito entre o progresso técnico atual e as demais condições de implantação do atual período histórico.”

Esse progresso técnico, culmina no fato de que pela primeira vez na história da humanidade um conjunto de técnicas envolveu o globo como um todo (SANTOS, 2011, p.17). Milton Santos trata esse conjunto de técnicas que tornou ubíquo como sistema técnico hegemônico, destacando autores como J. Ellul e Ménéard que cunharam expressões para designar tal fenômeno, as noções de “universalismo técnico” e “meio universal e uniforme” que denotam justamente o caráter de atuação do sistema técnico hegemônico em todo o planeta (SANTOS, 2017, p.192).

Os sistemas técnicos criados recentemente se tornaram mundiais, mesmo que sua distribuição geográfica seja, como antes, irregular e o seu uso social seja, como antes, hierárquico. Mas, pela primeira vez na história do homem, nos defrontamos com um único sistema técnico, presente no Leste e no Oeste, no Norte e no Sul, superpondo-se aos sistemas técnicos precedentes, como um sistema técnico hegemônico, utilizado pelos atores hegemônicos da economia, da cultura, da política (SANTOS, 1990, apud SANTOS, 2008, p.39).

A esse fenômeno Milton Santos atribui o termo unicidade técnica, sem ele a globalização seria inconcebível. Nessa questão o autor foi impactado, sobretudo pelos estudos de Leroi-Gourhan, que além de tratar a noção de unicidade técnica, considera também a tendência da mesma em se tornar universal. O geógrafo brasileiro argumenta que o capitalismo irá contribuir para a aceleração dessa tendência levando à internacionalização das técnicas e desembocando em sua globalização. Esse dado leva Santos a afirmar que a universalidade das técnicas não é tida mais como tendência, agora se manifesta como fato (SANTOS, 2017, p.57).

Ao traçarmos uma genealogia desse processo, podemos identificar alguns acontecimentos que são destacados por representarem momentos importantes nesse movimento de internacionalização. Ao destacar a relação entre globalização e natureza, Porto-Gonçalves (2006, p.23) sugere uma divisão desse processo em quatro etapas, sendo elas: colonialismo; capitalismo fossilista e imperialismo; capitalismo de estado fossilista fordista; globalização neoliberal ou período técnico-científico-informacional. Essa segmentação do processo em quatro períodos, parece de certa forma convergir com a posição adotada por Santos (2014, p.52) ao destacar a atenção especial que merecem as transformações ocorridas nas Grandes Navegações no século XVI, na Revolução Industrial e as mais recentes a partir de meados do século passado. O autor em questão detalha os eventos mencionados da seguinte forma:

O fim do século XV, com o progresso da navegação, a implantação da segurança no mar e a introdução do comércio e da colonização da América recém-descoberta, é um marco importante na transformação do Ecúmeno, O fim do século XIX, com a formação dos grandes impérios, marca um



momento fundamental nesse desenvolvimento. A estrada de ferro, o navio a vapor, o telégrafo sem fio, a revolução bancária mudam completamente a noção de distância e, como consequência, as escalas de tempo e de espaço. Nessa definição de momentos marcantes da história da humanidade, chegamos à época atual comandada pela revolução científico-tecnológica (SANTOS, 2012, p.207).

Embora haja posições diferentes, os argumentos historiográficos dos geógrafos em questão, apontam para uma certa concordância de que o processo de globalização encontra sua gênese no “movimento brutal de unificação, iniciado desde os começos do período capitalista por volta do século XVI” (SANTOS, 2012, p.221). Se existem algumas posições diversas quanto a gênese da globalização, em relação ao período histórico atual, podemos afirmar que há um relativo consenso de que desde a metade do século passado passamos a viver um novo período histórico (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.21). Essa fase da história é marcada por profundas transformações em todo o planeta, Santos (2011, p.19) argumenta que esse período testemunha a aceleração da história, impulsionada pelas novas condições técnicas, que em virtude dos avanços da ciência “produziu-se um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária (SANTOS, 2011, p.15).”

Vemos que há um certo consenso dentro da ciência geográfica que entramos num novo período histórico a partir dos anos 1960 (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.14), sendo que ao retroceder cronologicamente em busca de eventos marcantes para a explicar o processo de globalização, encontra-se como evento significativo a revolução industrial do século XVII ou se procura uma gênese do processo nas grandes navegações do século XVI (SANTOS, 2014, p.52).

No entanto, Sloterdijk busca reposicionar a temática, mostrando que o fenômeno da globalização nunca foi tomado levando a sério suas implicações conceituais. A partir da esferologia, vemos que a questão da globalização encontra sua verdadeira gênese já no mundo grego antigo:

Com a recordação das veneráveis doutrinas do Ser esférico, revelam-se as origens filosóficas de um processo que hoje está em todas as bocas com o nome de "globalização". É sua verdadeira história que urge ser contada - desde a geometrização do céu em Platão e Aristóteles até a circum-navegação da última esfera, a Terra, pelas naves, os capitais e os sinais de comunicação (SLOTERDIJK, 2016, p.62).

É nesse sentido que Sloterdijk afirma que o platonismo é, de modo efetivo, um idealismo morfológico. Imputando um fio metafísico as esferas, Platão impõe um idealismo geométrico na cosmologia e um idealismo lógico na teologia (SLOTERDIJK, 2016, p.147).

Esse adendo é importante, pois a concepção corrente de globo/globalização apesar de algumas semelhanças, difere em grande parte do que é proposto pelo filósofo em questão. Daí Petrônio (2022, p.33) afirmar que a acepção de globo para Sloterdijk é contraintuitiva.

A meu ver, Globos representa pela primeira vez a genuína e autêntica história daquilo que na sociologia contemporânea, na política e no jornalismo se discute sob a irritante e histórica expressão da globalização, pois parece claro que a globalização é a questão que tem sido desde há mais de dois mil anos o objectivo principal da teologia e da cosmologia filosófica da velha Europa, ou seja, a racionalização de Deus e do mundo com a ajuda da forma de pensamento mais poderosa para efeitos da dominação construtiva do mundo: o globo (SLOTERDIJK, 2016, p.147).

O reposicionamento da gênese desse fenômeno partindo do platonismo, expressa a influência que a filosofia nietzschiana⁴ exerce sob a esferologia. No Crepúsculo dos ídolos, Nietzsche (2014, p.61) trata Platão e seu idealismo como covardes diante da realidade, já que “enganou os tipos elevados de antigüidade e os fez atravessar a ponte que conduz à cruz”. Dessa maneira, Platão “se desviou de todos os instintos fundamentais dos gregos; encontro-o tão impregnado de moral, tão cristão antes do cristianismo.” O autor do Zarathustra busca explicitar que a filosofia platônica está carregadas de atributos do cristianismo (mesmo antecedendo Cristo), ao ponto de classificar o cristianismo enquanto um “platonismo para o povo” (NIETZSCHE, 1997, Prólogo), já que, segundo tal, os dois tratam-se de sintomas da *décadence* do homem. Sloterdijk em um gesto símile, também busca mostrar que em platão há um outro germe nascente: a globalização. Se Nietzsche exclama “Quantos vestígios de Platão existem na formação, no sistema e nas práticas da Igreja!”, podemos parafraseá-lo sob uma perspectiva esferológica e afirmar: “Quantos vestígios de Platão existem na formação, no sistema e nas práticas da globalização!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar sinteticamente, que o interesse pelo pensamento de Peter Sloterdijk ainda não suscitou um programa de investigação de síntese abrangente na Geografia. No que respeita, por exemplo, à pesquisa brasileira em geografia, ainda não emergiu uma proposta substantiva de interpretação do pensamento sloterdijkiano. Nesse sentido, o presente trabalho não buscou precipitar-se em desenvolver uma acepção de método próprio à ontologia “esferológica” do espaço. Já que, impõe-se previamente, como aqui realizado, um esforço

⁴ “No entender de Heidegger, ao afirmar que "Deus está morto", Nietzsche dá nome ao destino de vinte séculos da História Ocidental. Apreendendo-a como o advir e o desdobrar-se do niilismo, acaba por interpretá-la metafisicamente. Ao anunciar a morte de Deus, quer dizer que o mundo supra-sensível não tem poder eficiente e considera assim a sua própria filosofia um movimento anti metafísico, anti platônico” (MARTON, 1999, p.10).

restrito à assimilação do tratamento que Sloterdijk dispensa à ontologia do espaço, técnica e globalização. A despeito desse condicionante, a presente pesquisa, procurou explicitar o peculiar modo no qual a esferologia compreende esses temas, a fim de promover um diálogo entre esses polos, incitando uma aproximação da obra do referido filósofo no campo da Geografia, indicando a potencialidade, ainda irrisoriamente explorada, que Sloterdijk pode exercer sobre essa disciplina. O caráter fecundo para a pesquisa na ciência geográfica, evidenciado pela filosofia sloterdijkiana, constata-se sobretudo no original trato e desenvolvimento de temáticas que carregam um caráter intrinsecamente geográfico, amplamente consolidadas no panorama de pesquisa da disciplina e que concomitantemente ocupam um relevante lugar na estruturação do pensamento Sloterdijkiano.

Se Bruseke atenta que “as ciências humanas no Brasil merecem ter mais contato com esse autor” e Pessanha afirma que “até agora vigora um certo silêncio” sobre sua obra, o presente trabalho ansiou suscitar um diálogo inicial com o referido filósofo, a fim de contribuir justamente para que haja uma mudança nesse cenário incipiente no que diz respeito a atenção dedicada à Sloterdijk pelas ciências humanas, sobretudo em relação à geografia.

REFERÊNCIAS

- ELDEN, Stuart. **Sloterdijk Now**. Cambridge and Malden: Polity Press; 2012.
- _____. **Contributions to geography? The spaces of Heidegger's 'Beiträge'**. In: *Environment and Planning D*. n. 23; 811 – 27; 2005.
- FERREIRA, A. L. “**Por que falar de pedras se o assunto é o homem?**”: Heidegger, Sloterdijk e o Antropoceno. Heidegger, Jonas e Levinas / Organização Affonso Henrique Viera da Costa...et al. -- São paulo: ANPOF, 2019.
- JORONEN, M. **The age of planetary space. On Heidegger, being and metaphysics of globalization** University of Turku: Turku, 2010.
- MARTON, Scarlett. **A morte de Deus e a transvaloração dos valores**. Hypnos. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.
- MOREIRA, R. **As Categorias Espaciais da Construção Geográfica das Sociedades**. *GEOgraphia*, v. 3, n. 5, p. 15-32, 21 set. 2009.
- _____. **Espaço, Corpo do Tempo (A Construção Geográfica das Sociedades)**. Rio de Janeiro: Consequências, 2019.
- NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2014. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 09 nov. 2023.
- PESSANHA, J. G. **Peter Sloterdijk: virada imunológica e analítica do lugar**. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. USP, São Paulo, 2017.



Petrônio, R. **Mesoceno a era dos meios**. Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2022.

PICKLES, J. **Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PITTA, M. F. **Do problema da espacialidade em Heidegger à esferologia de Sloterdijk**. Synesis, v. 9, n. 1, p. 141-164, Petrópolis, 2017.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

REIS, L. C. T. **Ontologia do espaço e movimento de renovação crítica da Geografia: o desafio da diferença ontológica**. Revista Geografares. N. 7. Vitória – Ufes, 2009.

_____. **Ontologia de Produção do Espaço na Geografia: uma abordagem do tema através do diálogo entre Milton Santos e Martin Heidegger sobre a técnica**. Revista Geografares. N. 13. Vitória – Ufes, 2012.

_____; SANTOS, J.M. **O resgate da investigação ontológica na geografia através da fenomenologia-hermenêutica de Martin Heidegger**. Trabalho apresentado no XII Encontro Nacional da ANPEGE, Porto Alegre, 2017.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 9. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6 ed. 2 reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **O Espaço Geográfico como Categoria Filosófica**. In: Revista Terra Livre. São Paulo, 1985.

_____. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: BetBolso, 2011.

_____. **Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6 ed. 2 reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional** / Milton Santos. - 5. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVEIRA, M. L. **Geografia e pensamento geográfico no Brasil**. / organização de Paulo Albuquerque Bomfim e Manoel Fernandes de Souza Neto. - São Paulo: Annablume; FFLCH-USP; GEO-USP, 2010.

SLOTERDIJK, P. **Esferas I – Bolhas**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2016.

_____. **Has de cambiar tu vida**. Pre-textos. Valencia: 2013.

_____. **La domestication de l'Être**. Paris: Mille et une nuits, 2000.

_____. **No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica**. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____. **O sol e a morte**. Trad. Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

SYLLA, B. **Traços fundamentais do pensamento de Sloterdijk sobre a técnica/tecnologia**. Trans/Form/Ação, Marília, Dossier Técnica v. 44, CEPS – Centro de Ética, Política e Sociedade da Universidade do Minho, Braga – Portugal, 2021.

ZADOROSNY, L. **A Dimensão Ontológica na Geografia: um paralelo entre o horizonte da crítica radical e o pensamento de Heidegger**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Ufes, Vitória, 2018.